

Kamuri - Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação

Foco 2018

Projeto Revitalização das línguas Indígenas no Estado de São Paulo

Índice

Introdução	2
Título do projeto	2
1. Metodologia aplicada	2
2. Comunicação – canais utilizados	3
3. Etapas	3
4. Cronograma em parceria com a OSC	3
5. Riscos	3
6. Áreas de trabalho	3
7. Qualidade	3
8. Prestação de contas	3
9. Transparência das ações	3
10. Anexos – Programação	-
11. Análises Fonológicas	-

Relatório Kamuri – Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação - 2018

INTRODUÇÃO

A Kamuri, em parceria com a FUNAI – Coordenação Regional Litoral Sudeste e com o Grupo de Pesquisa Idiomas- IEL-Unicamp, desenvolve desde 2013 o **Projeto Revitalização das línguas Indígenas no Estado de São Paulo**. Os etnias contempladas pelo projeto de 2013-2018 foram os guarani Nhandewa do Litoral e interior de São Paulo, os Kaingang Paulistas e os Krenak Paulistas. Em 2018 estendemos o projeto para os Terena Paulistas iniciando pelo primeiro **Seminário Nacional de Língua e Cultura Terena**. Inscreveram-se 30 Terenas e participaram 22. Também participaram 15 pesquisadores não indígenas e 14 alunos de linguística e professores Universitários participaram das mesas, totalizando cerca de 50 participantes.

Título do projeto : 1 SENATE – Seminário Nacional em Língua e Cultura Terena

Os Terenas são originários de Mato Grosso do Sul, mas na década de 1940 algumas famílias vieram trabalhar em São Paulo, Povoação de Araribá, hoje terra Indígena Araribá. Atualmente há duas aldeias Terena na T.I. Araribá. A aldeia de Ekeruá solicitou um trabalho de revitalização da língua Terena. Por esse motivo foi realizado primeiro o Seminário Nacional de Língua e Cultura Terena que buscava reunir os professores e anciões Terena de MS e SP.

Por falta de recursos financeiros das Universidades locais, apenas 12 professores de MS puderam vir ao I SENATE, mesmo assim a reunião foi muito produtiva e importante para os Terena de São Paulo.

1. METODOLOGIA APLICADA

a) **Objetivo Geral** - Reunir os falantes da língua terena para analisar a situação da língua terena

Objetivo específico - Reflexão sobre a importância da língua terena, fonologia e ortografia, ensino da língua, gramática e léxico, e aspectos da cultura terena

b) **Ações e atividades executadas** –

Organização do Seminário 1SENATE, através de conferência, workshop, sessão coordenada, apresentações culturais, mesas redondas [vide folheto]

c) **Orçamento** - Parcerias Funai e Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD e UNICAMP [vide folheto]

A Kamuri foi responsável pela alimentação, além de fazer parte da logística e organização do evento.

A Universidade Federal da Grande Dourados viabilizou a viagem dos Terena de Mato Grosso do Sul à Campinas.

d) **Responsável** –

Coordenador Geral - Wilmar D'Angelis

Indigenista, educador, linguista. Acha o mundo é inimaginável sem florestas preservadas, sem povos indígenas, sem crianças ou sem música. Lamenta que

nosso país, riquíssimo em todos esses quesitos, trate todos eles com tanto descaso, e se permita crimes hediondos contra os três primeiros. É para mudar isso que luta, dentro e fora da universidade. Co-criador e mantenedor do Portal Kaingang.

e) **Riscos previstos** - Houve menor adesão por questões financeiras

2. COMUNICAÇÃO – CANAIS UTILIZADOS

E-mail

Convite pessoal. Indicação dos líderes. Pesquisadores da UFGD. Contatos da Kamuri com as aldeias Terena de São Paulo. A decisão de quem participa dos eventos é um consenso da comunidade e indicação do líder.

Ocorreram várias reuniões com a equipe de professores envolvidos. E as decisões foram tomadas em conjunto.

A programação do I Seminário Nacional em Língua e Cultura Terena está em anexo.

3. ETAPAS

Responsável - Secretária Mariana de Freitas (Kamuri/Indiomas-IEL Unicamp)

4. CRONOGRAMA EM PARCERIA COM A OSC

Preparação - 1 semestre de 2018 em contatos com os parceiros

Duração do evento - 22 a 24 de agosto de 2018

Inscrição / adesão - Preenchimento de adesão pela plataforma

A programação do I Seminário Nacional em Língua e Cultura Terena está em **anexo**.

5. RISCOS

Um problema principal foi a falta de financiamento para o evento.

As Universidades locais não conseguiram apoiar um maior número de deslocamento dos indígenas de Mato Grosso do Sul.

6. ÁREAS DE TRABALHO

a) **Local de trabalho** – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP

7. QUALIDADE

a) Cumprimento das ações

O seminário foi realizado com sucesso. Os indígenas presentes se manifestaram sobre os problemas que viveram ao longo do contato o que levou a grande perda linguística e da necessidade de um trabalho sistemático tendo em vista a manutenção da língua e cultura Terena.

8. PRESTAÇÃO DE CONTAS

a) Parceiros – O relatório de prestação de contas foi destinado para o Instituto de Estudos da Linguagem – IEL da UNICAMP

9. TRANSPARÊNCIA DAS AÇÕES

a) Comunicação – Apresentada no IEL- Unicamp

A logística de comunicação é apresentada ao Departamento de Linguística e o Chefe do Departamento retransmite na reunião da Congregação do IEL. Os participantes indígenas e não indígenas relataram as atividades para os locais de origem. Esta é uma praxi, pois os participantes representam as aldeias e instituições que os liberam.

- b) Análises de Fonologia da Língua Terena [Aruak]: resenhando 65 anos de pesquisas [**vide anexo**]



**I SEMINÁRIO NACIONAL EM
LÍNGUA E CULTURA TERENA:
HO'UXÍNOVOTI KIXOKU
ITÚKEOVO TÊRENOE:
nossa língua, espaço de resistência
ukínoaku xunáko**



PROGRAMAÇÃO

Quarta-feira, 22/08

14h-15h30 – Sessão inicial de boas-vindas. Apresentações.

15h30-16h – Café

16h-17h20 – Sessão de Comunicação I - Terena: questões de ensino de língua

17:30 h-18:20h – Cerimônia de Abertura

- Hino Nacional Brasileiro em Língua Terena.

Tradução e canto: Eliseu Lili.

18:20h-19:20h – Conferência de Abertura:

Língua Terena: sua importância e histórico nas últimas décadas

Palestrante: Prof. Arcênio Francisco Dias

Quinta-feira, 23/08

8h-11h30 – Workshop 1: Fonologia e Ortografia da língua Terena

- O sistema vocálico – Lara Rocha de Lima Alves (G/UNICAMP)
- O sistema consonantal – Arthur Antunes de Lima (G/UNICAMP)
- Processos fonológicos – Dr. Magnun Roche Madruga (INDIOMAS)
- Ortografia da língua Terena – Prof. Arcênio Dias (Educador Indígena)

Moderador: Prof. Dr. Wilmar D'Angelis (UNICAMP)

11h30-13h – Almoço

13h-14h – Dança Terena

14h-15h20 – Mesa 1: Língua de Sinais

- Língua de Sinais – Profa. Ms. Shirley Vilhalva (UFMS)
- Língua de Sinais Terena – Ms. Priscilla Alyne Sumaio (UNESP)

Comentarista: Profa. Dra. Regina Maria de Souza (UNICAMP)

Moderadora: Ondina Antonio (Educadora Indígena)

15h20-15h40 – Café

**15h40-16h20 – Sessão de Comunicação II (oral e pôster):
Terena: questões linguísticas**

**16h20-17h30 – Mesa 2: O Terena entre línguas Aruak
e línguas do Mato Grosso do Sul**

- A família Aruak e o Terena – Prof. Dr. Angel Corbera Mori (UNICAMP)
- O Terena e as línguas do MS – Profa. Dra. M. Filomena Spatti Sândalo (UNICAMP)

Moderador: Prof. Délio Delfino (Educador Indígena)

18h40 – Sessão de Cinema: exibição seguida de roda de conversa.

Sexta-feira, 24/08

8h-9h45 – Workshop 2: Fonologia e Ortografia no estudo do Léxico Terena

- Neologismos no Terena
- Empréstimos lexicais no Terena

**Moderadores: Profa. Janet Lili Azambuja (Educadora Indígena)
e Prof. Dr. Wilmar D'Angelis (UNICAMP)**

9h45-10h – Café

10h-12h – Sessão Coordenada 1: Aspectos do Ensino da Língua Terena

- Dificuldades dos professores indígenas no ensino do Terena - L1
- Dificuldades dos professores indígenas no ensino do Terena - L2
- Terena

Participantes: Dalila L. Cardoso, Maicon A. Pinto Alves, Rafael A. Gabriel, Joel Reginaldo Sol, Gil Paulo, Janet L. Azambuja, Elineia L. Jordão

Moderador: Prof. Dr. Wilmar D'Angelis (UNICAMP)

12h-13h30 – Almoço

13h30-14h – Apresentações Culturais: Canção do índio/ Akene Kopénoti – Alunos da Pós-Graduação em Língua e Cultura Terena da UEMS.

Organização: Alessandra Dias

14h-15h30 – Mesa 3: Aspectos de Gramática e Léxico do Terena

- Aspectos da Gramática Terena – Profa. Dra. Valéria Faria Cardoso (UNEMAT)
- Elementos lexicográficos da língua Terena – Profa. Dra. Denise Silva (IPEDI)

Moderador: Prof. Alcery Marques Gabriel (Educador Indígena)

15h30-15h45 – Café

15h45-17h – Sessão Coordenada 2: Aspectos da Cultura Terena

- A dança Terena contemporânea como símbolo de resistência
- Os sentidos do Grafismo Terena na resistência

Moderador: Prof. Dr. Wanderley Dias Cardoso (Educador Indígena).

17h – Sessão de Encerramento. Avaliação do Seminário.

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES

I. Terena: questões de ensino da língua

1. Elson S. Marcos e Sônia Filiú A. Lima: *O ensino da língua terena na Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira “Tumune kalivono” Criança do Futuro.*
2. Arcênio Francisco Dias: *Os desafios do escritor terena na produção de material didático em língua materna.*
3. Rafael Antonio Pinto: *Disco Terena: um jogo didático*

Comentarista:

II. Terena: questões linguísticas

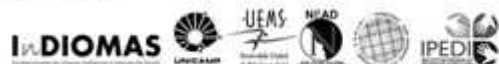
1. Elisângela Leal S. Amaral: *Que(m) diz o /l/ Terena.*
2. [Poster] Sérgio S. Reinaldo e Valéria F. Cardoso: *Marcadores de pessoa verbal em Terena (Aruak).*
3. [Poster] Aronaldo Júlio Terena: *Língua Terena: a prática da escrita e o ensino da língua terena na escola e na comunidade.*

Comentarista:



Índios Guanás - Hércules Florence. Cuiabá, nov. 1827

Realização:



Apoio:



Análises da Fonologia da Língua Terena (Aruak): resenhando 65 anos de pesquisas



Prof. Wilmar R. D'Angelis

Departamento de Linguística
UNICAMP

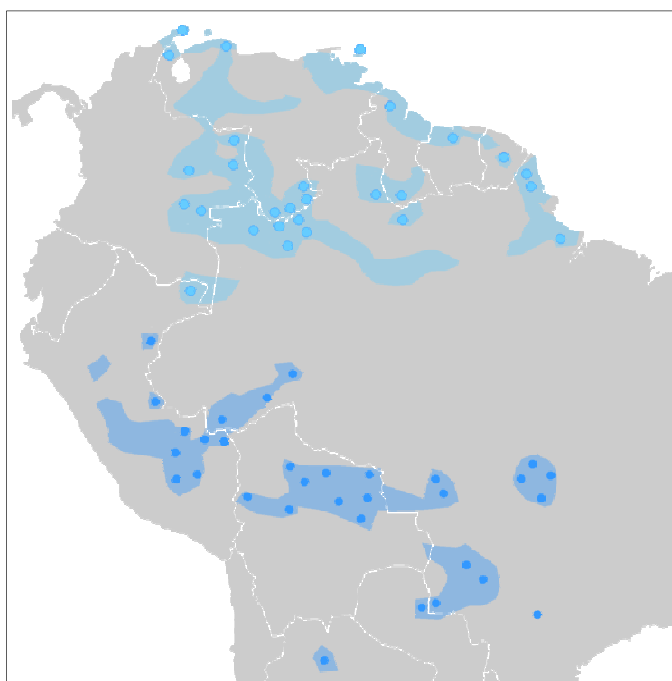
2018

Terena, família Aruak

A língua Terena pertence à família linguística Aruak (ou Arawak). A essa mesma família pertencem línguas como o Ashaninka e o Apurinã, na floresta amazônica (Acre e Amazonas); o Wapixana, na Roraima; o Enawene-Nawe e o Pareci, no cerrado mato-grossense; o Waurá e o Yawalapiti, no Xingu (MT). Uma lista das línguas da família pode ser consultada abaixo. O Terena é, entretanto, a mais meridional das línguas Aruak; ou seja, são os Aruak que chegaram mais ao Sul do continente.

A partir do fim da década de 1950, por meio século o Terena foi estudado praticamente apenas por missionários, cujo primeiro interesse e compromisso não era, propriamente, o fortalecimento linguístico e cultural autônomo das comunidades indígenas. Há cerca de 10 anos, universidades brasileiras têm valorizado a riqueza da língua Terena, e alguns pesquisadores têm se dedicado a ela. São tímidas, no entanto, as iniciativas voltadas ao fortalecimento dessa língua, e praticamente inexistentes trabalhos de pesquisa colaborativa que despertem e formem pesquisadores indígenas e fortaleçam a autonomia da produção intelectual indígena nesse campo.

- | | | |
|-------------------------------|--------------------------------|------------------------------|
| • Achagua | • Enawene-Nawe | • Pareci |
| • Amuesha | • (Salumã) | • Piapoco |
| • Apurinã | • Garifuna | • Piro |
| • Ashaninka | • (Nicarágua) | • Tariana |
| • Baniwa - | • Guajiro | • Terena |
| • Kurripaco | • Lokono | • Wapixana |
| • Baré | • Matsiguenga | • Warekena |
| • Baure | • Mandawaka | • Waurá |
| • Cabiyari | • Mehinaku | • Yavitero |
| • Chamicuro | • Moxo | • Yawalapiti |
| • Chontaquiro | • Palikur | • Yucuna |



Distribuição das línguas Aruak na América do Sul

Harden, 1946

Margaret Harden realizou pesquisas de campo, entrevistando vários falantes Terena, em diversos momentos entre 1941 e 1945. Seu principal colaborador foi Patrício Lili. Um resultado de suas pesquisas é o artigo “Estrutura da Sílabas do Terena” (*Syllable Structure of Terena*), de onde se tiram as informações abaixo.

Harden identifica os seguintes padrões silábicos, com os respectivos exemplos:

V e.mó.ʔu *his word* (“fala dele”), **VV** ée.no *his mother* (mãe dele”), **CV** šó.ko *with him* (“com ele”), **CCV** nkí.šo.ne *I said* (“eu disse”), **CCCV** nsyó.po.pe *when I come* (“quando eu venho”), **CVV** hóo.e *fish* (“peixe”), **CVV** yáu.ka.pu *come back* (“volte”), **CCVV** ntúu.ryu *begun by me* (“começado por mim”), **CCCVV** nkwée.ku *my way* (“meu caminho”).

Acento e Duração

Segundo Harden (p. 60), em palavras de duas sílabas, “o acento recai na primeira sílaba”. Em palavras de três sílabas, o acento recai em uma das duas primeiras sílabas. E em palavras de quatro sílabas o acento pode recair em uma das 3 primeiras sílabas.

Em todas as sílabas acentuadas ocorre alongamento de algum tipo: ou ocorrem duas vogais idênticas ou vogais diferentes (por ex.: híi.še *sua roupa*; ái.no.vo.ti *tudo*), ou, se a vogal é uma só (e foneticamente breve) a consoante seguinte é alongada e a divisão da sílaba parece cair no meio dela: ápene [áp.pe.ne] *isso existe*, úsotine [ús.so.ti.ne] *ele está pronto* (Harden, 1946, p. 60).

Vogais Nasais

Harden (p. 61) defende que “vogais nasalizadas ocorrem como unidades fonêmicas na língua”, mas os exemplos são de palavras que sofrem mudança com a presença do morfema nasal de 1ª pessoa, como: arĩne *doença dele* > arĩne *minha doença*. Segundo Harden, os **fonemas vocálicos** seriam sete: **a, e, i, o, u, ĩ (= i), ě (= e)**, sendo que as duas últimas seriam “muito raras, mas diferentes das vogais anteriores ou das posteriores arredondadas”, e com a limitação de que essas duas “ocorrem apenas próximas a h”.

Encontro de vogais e duração

Segundo analisou Harden (p. 61), em qualquer encontro (sequência) de duas vogais, sejam idênticas ou diferentes, a primeira vogal (o primeiro membro do encontro) é mais proeminente que a segunda, e se o encontro estiver na sílaba acentuada, é a primeira vogal quem recebe o acento.

Harden (p. 61) registrou os seguintes tipos de encontros: **aa, ee, ii, oo, uu, ĩĩ, ěě, ãã, ěě, ĩĩ, õõ; ai, ei, oi, ui, ĩi; au, eu, ou**; e ainda **ae, ãě**.

A autora registrou, ainda, que é possível encontrar, na língua, alguns encontros de três vogais. Ela analisa que, nesses casos sempre se trata de duas sílabas: a primeira sílaba consistindo de um encontro de duas vogais idênticas, e a segunda sílaba, de uma vogal breve. Ex.: hóo.e *peixe*, hóo.i *mato*, kée.e *você diz*, õõ.e *meu dente*, póo.u *cinzas*, kipáa.e *ema*, enšóo.a *eu sei isso*.

Fonemas consonantais, segundo a análise de Harden >

A análise fonológica do Terena, por Margaret Harden (1946), postula os seguintes fonemas consonantais (usando, abaixo, exatamente a terminologia da autora):

Oclusivas surdas: **p t k**

que se realizam não-aspiradas no início de palavra, mas aspiradas em sílabas mediais (posição intervocálica).

Fricativas surdas: **s ʃ**

sendo que a fricativa ʃ era produzida como tʃ “na fala da geração mais velha em palavras como [éntʃwa] *eu sei*, e [étʃwa] *ele sabe*.”

Lateral vozeada: **l** e o **flepe r**

sendo que os dois seriam “fonemas raros, que ocorrem mais frequentemente em palavras emprestadas do que em palavras nativas”

Semivogais: **j w**

Glotal aspirada: **h**

segundo Harden, só é chamada *glotal aspirada* por conveniência, porque “de fato reflete a formação articulatória da vogal que a precede”

Nasais: **m n**

O grupo ou classe de consoantes formado por **p, t, k, s, ʃ** recebe o morfema nasal (marca pronominal de 1ª pessoa singular), estando no início da palavra, ou em posição medial se nenhum dos membros dessa classe estiver em primeira posição. Ex.: (1) *oclusiva ou fricativa inicial de palavra:* poʔínu *irmão dele*, mpoʔínu *meu irmão*; ʃeʔéʃa *filho dele*, nʃeʔéʃa *meu filho*; (2) *oclusiva ou fricativa em posição medial na palavra:* anéeko *ele estava lá*; anéenku *eu estava lá*; isóneu *ideia dele*, insóneu *minha ideia*.

Os fonemas consonantais apresentados acima podem ser representados na forma do quadro abaixo (mantendo a terminologia da autora do estudo):

	Bilabial	Alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t			k	ʔ
Fricativa		s	ʃ			h
Nasal	m	n				
Lateral		l				
Flepe		r				
Semivogal	w			j		

Fonemas consonantais do Terena segundo M. Harden (1946)

Bendor-Samuel, 1960

John Theodore Bendor-Samuel (1929–2011) foi um missionário evangélico e linguista inglês, atuando pelo Summer Institute of Linguistics. Foi um dos fundadores da Wycliffe Bible Translators. Pesquisou a língua Terena, atendendo às finalidades missionárias do SIL, durante os anos de 1959 e 1960 em Cachoeirinha (Chácara União), Miranda, MS.

Abaixo reproduzem-se os inventários de fonemas Terena, segundo Bendor-Samuel, 1960.

	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t			k	ʔ
Fricativa		s	ʃ			h hy
Nasal	m	n				
Lateral		l				
Tepe		r				
Semivogal	w			y		

Fonemas consonantais da língua Terena de Cachoeirinha

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i		u
Meio fechado	e		o
Aberto		a	

Fonemas vocálicos da língua Terena segundo Bendor-Samuel (1960)

O autor acrescenta os seguintes esclarecimentos, acerca das consoantes:

As oclusivas e fricativas são desvozeadas e não possuem sub-membros (alofones), exceto t, que possui um sub-membro t^h, oclusiva alveolar surda aspirada, ocorrendo apenas antes de i. Os fonemas h e hy são agrupados com as fricativas por razões tanto funcionais como fonéticas. hy é considerado uma verdadeira fricativa na qual existe fricção produzida (...) na região alveolar. h funciona da mesma maneira que hy, s e f.

Ele acrescenta, em nota de rodapé, uma comparação com a análise de Harden: “Os dois fonemas vocálicos adicionais propostos pela Srta Harden se explicam, em nossa análise, pelo fonema hy. Em tudo o mais as duas análises são iguais” (p. 349)

Padrão silábico

A análise de Bendor-Samuel reconhece a inexistência de encontros consonantais e não admite a existência de vogais duplas ou de vogais longas (exceto alongadas). Segundo ele,

Dois tipos de sílabas são encontrados, CV e V. (...) não existem encontros consonantais e todas as sílabas são abertas. Encontros vocálicos ocorrem tanto dentro de morfemas como entre morfemas, quando uma sílaba de estrutura CV é seguida por uma sílaba V. Vogais e consoantes longas são encontradas apenas relacionadas ao sistema de acento da língua. (Bendor-Samuel, 1960, p.349).

Consoantes pré-nasalizadas

Uma parte importante do trabalho de Bendor-Samuel é dedicada a analisar as ocorrências de **mb**, **nd**, **nz**, **nʒ** e **ŋg**, na busca da melhor interpretação fonológica que lhe fosse possível nos limites do modelo teórico que empregava. Aqui nos atemos a reproduzir a descrição do processo em questão, presente no trabalho dele. Bendor-Samuel informa que aquela nasalidade está ligada a uma questão gramatical: ela marca a categoria de 1ª pessoa (do singular). Fora esse tipo de ocorrência, o traço nasal “não ocorre, a não ser em umas poucas palavras, quase todas elas claramente emprestadas do Português”. Segue a descrição dele (p.350):

A categoria gramatical de 1ª pessoa é realizada foneticamente da mesma forma, independente da classe gramatical da palavra. A realização fonética é a seguinte:

(a) nasalização de todas as vogais e semi-vogais na palavra até a primeira oclusiva ou fricativa. Em palavras sem oclusivas ou fricativas todas as vogais e semi-vogais são nasalizadas, juntamente com

*(b) uma sequência consonantal nasalizada substitui a primeira oclusiva ou fricativa na palavra, dessa forma: mb substitui p, nd substitui t, ŋg substitui k, nz substitui tanto s como h, e nʒ substitui tanto ʃ quanto hy. Exemplos *:*

e'moʔu	<i>palavra dele</i>	ẽ'mõʔũ	<i>minha palavra</i>
'ayo	<i>irmão dele</i>	'ãyõ	<i>meu irmão</i>
'owoku	<i>casa dele</i>	'õwõŋgu	<i>minha casa</i>
'piho	<i>ele foi</i>	'mbiho	<i>eu fui</i>
a'hyaʔaʃo	<i>ele quer</i>	ã'nʒaʔaʃo	<i>eu quero</i>

(*) em transcrição fonética, conforme informa o autor

Registre-se que, no mesmo trabalho (p. 353-355), Bendor-Samuel também descreve as mudanças morfofonológicas produzidas pela marca gramatical de 2ª pessoa singular “y”.

Eastlack, 1968

Charles L. Eastlack (1933-2018) foi um linguista norte-americano formado na Universidade do Texas, e que trabalhou em diversas universidades dos Estados Unidos. Em 1968 publicou um artigo que, desde então, foi bastante consultado e citado: *Terena (Arawakan) Pronouns* (“Pronomes Terena (Aruak”).

Eastlack realizou pesquisa entre os Terena, nos anos de 1966 e 1967, em Aquidauana e Anastácio (embora seu principal consultor indígena tenha sido Angelo de Campos Leite, natural de Nioaque, depois morador em Aldeinha, Anastácio).

Abaixo apresentam-se os quadros de fonemas, na análise de Eastlack. Como o quadro de consoantes do original (p. 2) apresenta as formas usadas pelo autor para transcrever os dados, aqui se adaptam dois símbolos: **w** onde o autor empregou **v** para uma “semivogal” (na terminologia dele), e **ʔ** para a oclusiva glotal, que ele representa por um apóstrofo: ´.

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	p b	t d		k g	ʔ
Fricativas		s z	ʃ ʒ		h / hh
Nasais	m	n			
Líquidas		l / r			
Semivogais					
	w		y		

Merecem destaque os esclarecimentos do autor sobre as fricativas glotais :

*Os símbolos **h** e **hh** representam fonemas diferentes, ambos fricativa glotal aspirada. Quando seguido por **a, o, u**, o fonema **hh** é acompanhado por uma co-articulação palatal que é facilmente percebida na pronúncia de alguns falantes nativos. Quando seguido por **e** ou **i**, **hh** pode ser distinguido de **h** pelo fato de que este último condiciona a ocorrência de alofones posteriores dessas vogais.* Outra característica que distingue **h** de **hh** é que este último alterna com **z**, enquanto **h** alterna com **ʒ** em um considerável número de palavras Terena:*

há'a pai dele **nzá'a** meu pai **âhha** vontade dele **ânza** vontade dele

(*) essa afirmação fica esclarecida em outra parte do trabalho, onde o autor informa: “Os símbolos **e** e **i** também representam, como variação alofônica, as vogais posteriores médias e altas [ou seja: **o, u**] quando elas ocorrem nas sequências **he, hi, ehe, ehi, ihe, ihi**” [ou seja: /ho/ > [he]; /hu/ > [hi] .

E sobre **/l/**, uma das duas consoantes líquidas, o autor esclarece:

*A lateral contínua **l** tende a ser ligeiramente palatalizada.* (Eastlack, 1968, p.3)

O quadro das vogais, proposto por Eastlack, é exatamente o mesmo de Bendor-Samuel (1960), que pode ser visto duas páginas atrás.

Butler, 1978

Nancy Evelyn Butler (1932-2005) foi uma missionária e linguista norte-americana, atuando pelo SIL e Wycliffe Bible Translators. Foi responsável, juntamente com a também missionária Muriel Ekdahl, pela tradução do Novo Testamento bíblico para a língua Terena (1994). Os quadros de fonemas abaixo são o resultado de sua análise fonológica da língua.

	Labial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t			k	ʔ
Fricativa		s	ʃ			h hh
Nasal	m	n				
Lateral		l				
Tepe		r				
Aproximante	w			j		

O quadro acima busca representar a seguinte informação do texto de Butler (1978, p.26):

“fonemas e acentos da língua Terena: consoantes /p/, /t/, /k/ (oclusivas surdas aspiradas), /ʔ/, /h/, /hh/ (equivalente a /h/ com palatalização), /s/, /x/ (sibilante alveopalatal [š]), /l/, /r/ (flape alveolar), /m/, /n/, /v/, /ɣ/, e vogais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/”.

Quanto às vogais, a análise é a mesma de Bendor-Samuel (1960) e Eastlack (1968).

PADRÕES SILÁBICOS

(tipos de sílabas possíveis na língua Terena)

Segundo E.M. Ekdahl & N. Butler (1984) *:

V , CV , VV , CVV

Para esses autores, os glides [j] [w], quando não ocorrem no início da sílaba (ou seja, quando estão depois de uma vogal) são interpretados como vogais que formam ditongos VV.

(*) Fonte: Denise Silva, 2009, p. 45; p. 81

DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DA LÍNGUA TERENA (ARUAK)

Denise Silva

Dissertação de Mestrado. Três Lagoas, MS: UFMS, 2009

Denise Silva realizou estudo voltado à sua dissertação de Mestrado, com pesquisa de campo feita na Terra Indígena Cachoeirinha (mun. de Miranda, MS).

Como primeiro entre os estudos acadêmicos realizados sobre a fonologia do Terena em universidades brasileiras no século XXI, merecerá maior destaque nessa resenha, abreviando-se, por isso, o espaço dedicado aos dois trabalhos seguintes (Martins 2009; Nascimento 2012).

FONÉTICA

Inventário de fones consonantais

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p]		[t]			[k]	[ʔ]
Africada				[tʃ]			
Fricativa		[v]	[s]	[ʃ]			[h]
Pré-nasal	[^m b]		[ⁿ d], [ⁿ z]		[^j ʒ]	[^g g]	
Nasal	[m]		[n]		[ɲ]		
Lateral			[l]				
Tepe			[r]				
Aproximante	[w]				[j]		
Lateral aproximante					[ɬ]		

Fones consonantais da língua Terena falada na Cachoeirinha

Inventário de fones vocálicos

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred	Não arredondado		Não arredondado	Arredondado	Não Arred
Fechado		ii: ĩ		í	u u: ũ	
Meio fechado		e ě			o õ	
Meio aberto		ɛɛ:			ɔ ɔ:	
Aberto				aa: ã		

Fones vocálicos da língua Terena - Cachoeirinha

FONOLOGIA

Fonte: Denise Silva, 2009, p. 64, p. 67

	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/			/k/	/ʔ/
Fricativa		/s/	/ʃ/			/h/
Nasal	/m/	/n/				
Lateral		/l/				
Tepe		/r/				
Aproximante	/w/			/j/		

Fonemas consonantais da língua Terena de Cachoeirinha

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred	Não Arred	Arred	Não Arred	Arred	Não Arred
Fechado		ii:			u u:	
Meio aberto		ɛɛ:			ɔ ɔ:	
Aberto				aa:		

Fonemas vocálicos do Terena de Cachoeirinha.

PADRÕES SILÁBICOS

(tipos de sílabas possíveis na língua Terena)

V , CV , VC , CVCLogo, o Padrão Silábico da língua pode ser resumido em: **(C) V (C)**

Segundo a análise de Silva (2008, p. 82), as aproximantes [j] [w] são consoantes no sistema fonológico do Terena, sendo as únicas consoantes que podem ocorrer em final de sílaba.

Silva, 2009, p. 81

Vogais breves x Vogais longas

Ainda do trabalho de Denise Silva (2009), trazemos sua interpretação sobre duração de vogais no Terena. Nas palavras dela, “em nossa análise, consideramos as vogais alongadas /a:/, /ɛ:/, /i:/, /ɔ:/ e /u:/ como fonemas” (Silva, 2009, p. 47). Abaixo seguem-se os exemplos dela, e na sequência, os meus comentários.

Ambiente Análogo

Dados: Denise Silva, 2009, p. 47

[ta'muku] ‘cachorro’

[mu:jo] ‘corpo dele’

Ambiente Idêntico

- | | | | |
|----|-------------------------------------|----|-----------------------------------|
| 1 | [ni:ko] ‘ele está comendo?’ | 13 | [niko] ‘quando ele comeu’ |
| 2 | [pi:ko] ‘ele tem medo’ | 14 | [piko] ‘quando ele está com medo’ |
| 3 | [si:mɔ] ‘ele veio’ | 15 | [simɔ] ‘quando ele chegou’ |
| 4 | [i:ti] ‘você’ | 16 | [iti] ‘sangue’ |
| 5 | [ke:vo] ‘quando choveu’ | 17 | [kevo] ‘choveu’ |
| 6 | [ka:mɔ] ‘ele escuta’ | 18 | [kamɔ] ‘cavalo’ |
| 7 | [je:mɔ] ‘quando ele foi’ | 19 | [jenɔ] ‘mulher dele’ |
| 8 | [jo:ko] ‘sua tia’ | 20 | [joko] ‘venha’ |
| 9 | [jo:mɔ] ‘ele foi’ | 21 | [jo:mɔ] ‘quando ele vai’ |
| 10 | [jo:fo] ‘você toca’ (pife, sanfona) | 22 | [jofɔ] ‘quando você tocou’ |
| 11 | [hi:pɔ] ‘unha’ | 23 | [hipɔ] ‘cigarro’ |
| 12 | [no'ne:ti] ‘rosto’ | 24 | [no'neti] ‘planta’ |

Introduzimos uma numeração nos exemplos acima (numeração que não consta no original) para facilitar a localização nos comentários a seguir.

Compare-se o exemplo (1) com o seguinte dado, tirado da dissertação de Andréa Rosa (2010, p. 72):

(03) b) ɛnɛpɔ =nɛ hojɛnɔ niko -tʃi pa:nãna
 enf =det homem comer -durat banana
 ‘O homem está comendo banana’.

O Sujeito da frase, no exemplo de Rosa, é “homem”, o que exige que o verbo seja ou esteja conjugado na 3ª.pessoa do singular, como ocorre no dado (1), da lista de exemplos de Silva(2008). Vê-se claramente que, no registro feito por Rosa, não há alongamento devogal na raiz do verbo para “comer”. Isso sugere que o alongamento observado por Silva - em (1) – foi circunstancial, talvez até ocasional, mas não estrutural e, portanto, não é argumento a favor da existência de vogal longa. Algo semelhante vemos no exemplo 69, da dissertação de Nascimento (2012, p. 123):

ni-k-o-ti-hiko = (eles) comendo

continua >

Na comparação dos exemplos (4) e (13), o trabalho defende a existência de ambiente idêntico no qual contrasta uma vogal longa com uma vogal breve, nas palavras terena para “*você*” (2ª p. sg.) e “*sangue*”. No entanto, em trabalho posterior, a saber, em sua tese de doutorado (ver Silva, 2013), a mesma pesquisadora toma as duas palavras como *homófonas* (isto é, pronunciadas de forma igual) e *homógrafas* (isto é, escritas de forma igual), de tal modo que as coloca como entradas numeradas em uma proposta de dicionário, como se pode ver abaixo:

iti¹ *n.* sangue. Eno itina ra vaka. “A vaca tinha muito sangue”. Xunati ihopune ne iti. “O sangue tem cheiro forte”.

iti² *pron.* você. Iti unati xane. “Você é uma pessoa boa”. Iti oma ra une? “Você que trouxe a água?”

Silva, 2013, p. 178

Igual observação se aplica aos dados (6) e (18). Na tese citada acima (Silva, 2013), a autora também descarta haver diferença de duração vocálica entre as palavras terena para “*escutar*” e “*cavalo*”, dando entrada sequencial das duas em seu projeto de dicionário, como formas homógrafas e numeradas:

kamo¹ *n.* cavalo. Exoti kamo ra peyo nza'a. “O cavalo do meu pai é manso”. Exoti ra kamo. “O cavalo é manso” Ivu'ixo kamo ne Lucas. “Lucas anda à cavalo”. Xuxapati ra kamo. “O cavalo é rápido”. Exoti ra ngamona. “O meu cavalo é manso”.

Silva, 2013, p. 183

kamo² *v.* ouvir. Kamo ra otu vitukinoa xeti. “O senhor de idade ouve quando a gente conversa com ele”. Kamokenoti radio ra Marli. “A Marli está ouvindo rádio”. Kamoti yoti kalivono ra Marli. “A Marli está ouvindo a criança chorar”. Ngamo varaka yuponi koeti. “Eu ouvi a anrancuã cantar hoje bem cedo”. Kamo kalivono ra ihaxikopea eno. “A criança ouviu a sua mãe chamar”. Kamokenoti oxokenati ra hoyeno. “O homem está escutando a música”. Ngamo enengokokono. “Ouço quando sou aconselhado”. Ngamo ne eyekouti. “Ouvi essa notícia”.

Isso também vale para os exemplos (11) e (23) da página anterior. Veja-se como as palavras para “*cigarro*” e “*unha*” constam no dicionário proposto:

hipo¹ *n.* cigarro. Uke'exone njipona ra mbo'inu. “Meu irmão acabou com o meu cigarro”. Yomoti hipo ne hoyeno. “O homem gosta de cigarro”.

hipo² *n.* unha. Inarakoti ra njipo. “A minha unha está quebrada”. Hana'itinoe hipo ne seno. “A mulher tem unhas grandes”.

Silva, 2013, p. 160

O mesmo acontece com os dados (12) e (24), conforme se pode ver no dicionário proposto na tese de Silva (2013), p. 214. Não me parece necessário seguir nessas observações, mas apenas chamar a atenção ao fato de que em todos os outros casos, dos exemplos da página anterior, Silva não compara *uma palavra* com *uma outra palavra*, mas construções que envolvem mais de um morfema em cada caso. Por ex.: “*quando ele foi*” x “*mulher dele*”, “*ele veio*” x “*quando ele chegou*”. Nossa conclusão é que a dissertação de Silva (2008) não demonstra que existem vogais longas (em oposição a vogais breves) na língua Terena. A tese da mesma autora (Silva, 2013) não faz qualquer menção a vogais longas ou alongamento vocálico.

Alguns dados de D. Silva (2009) que pedem melhor análise

1. Vogal supostamente nasalizada pela consoante precedente

Segundo a análise da autora, a vogal é nasalizada se ocorre em “núcleo silábico contíguo a consoante nasal”. Exemplos:

[ˈmõĩ]	‘moranga’	[kiˈmoũ]	‘queixada’
[nãũ]	‘carne’	[mẽũ]	‘campo’

Silva, 2009, p. 55, 57, 59

Nota 1: em vocabulário terena anotado por João Barbosa de Faria (da equipe de Rondon) , “*moranga*” está registrada como **mohím**, “*porco quexada*” como **quimóom** e “*campo*” como **meúm** (todos com coda nasal). O registro de Faria só confirma a suspeita de que, nos casos acima, não faz sentido que a fonte da nasalidade da vogal seja a consoante nasal precedente.

Nota 2: em trabalho posterior (tese de doutorado: Silva, 2013, p. 62), a mesma autora registra a palavra para “*moranga*” como **mo’im**, e “*carne*” como **naúm**.

2. Oclusiva Glotal inicial de palavra

Silva (2008, p. 49), anotou:

[ʔ] *oclusivo, glotal, surdo; ocorre em fronteira inicial de sílaba e em ambiente intervocálico. Em nossos dados não encontramos este fone em início de palavra.*

O caso poderia ser resolvido testando uma grande lista de nomes e verbos iniciados com vogal (ou aparente vogal), aos quais se agregue o prefixo de 2ª pessoa singular {j-}. Se em alguma dessas palavras houver uma glotal consonantal inicial, com ela não se dará a adjunção do fonema [j] ao início, mas sim uma alternância na primeira vogal não alta da raiz.

3. Resquícios de uma proto-língua?

Tratando do acento, entre as “palavras simples”, na pg. 88, Silva elenca a seguinte:

[i:ma] “*marido dela*”

Em sua análise, a 3ª pessoa é singular não é marcada (ou, na formulação da autora, é marcada por morfema zero: Ø). Desse modo, ela analisa o exemplo acima como :

{Ø-} + {i:ma} = 3ª p.sg. + marido = “*marido dela*”.

No Ashaninka (língua Aruak amazônica) sabemos que o sintagma “*marido dela*” contém dois elementos morfológicos, e é isso que, em Ashaninka, provoca a percepção de alongamento da vogal inicial:

{i-} + {ima} = 3ª p.sg. + marido = “*marido dela*”

4. O estranho caso da nasalização de /h/

A língua Terena não distingue consoantes obstruintes (isto é, oclusivas, fricativas e africadas) em surdas e sonoras. Todas as obstruintes do Terena são surdas (ou seja, não vozeadas). Há, porém, uma situação em que a primeira consoante obstruinte de uma palavra se torna uma pré-nasalizada vozeada: isso ocorre quando a palavra recebe uma marca de primeira pessoa (possessivo ou marca de pessoa em verbo).

Silva (2008, p. 68) chama isso de “Harmonia Nasal”. Trata-se, de fato, de um processo que os linguistas chamam de “morfofonológico”. Os exemplos de Silva (2008, p. 69) são esses:

3ª p.sg.	1ª p.sg	glossa
[¹ u:kɛ]	[¹ u: ^h gɛ]	‘olho’
[¹ hɛ:wɛ]	[¹ⁿ ʒɛwɛ]	‘pé’
[¹ ha:ʔa]	[¹ⁿ zaʔa]	‘pai’
[¹ pa:hɔ]	[^{1m} ba:hɔ]	‘boca’
[¹ pu:ju]	[^{1m} bu:ju]	‘joelho’
[¹ ki:ri]	[¹ⁿ gi:ri]	‘nariz’
[¹ tu:ti]	[¹ⁿ du:ti]	‘cabeça’
[¹ tapiʔi]	[¹ⁿ daʔpiʔina]	‘galinha’
[¹ simoa]	[¹ⁿ zimoa]	‘veio’
[¹ si:na]	[¹ⁿ zi:na]	‘genro’

Não há nada estranho no processo em si. Coisas semelhantes ocorrem em outras línguas. No caso, quando a consoante sofre a nasalização por ação de um prefixo nasal de 1ª pessoa singular, um /p/ “vira” [mb], um /t/ “vira” [nd], um /k/ “vira” [ŋg], e um /s/ “vira” [nz]. Em cada caso, o resultado é o que se chama de consoante *homorgânica*, que quer dizer: produzida no mesmo lugar. Um /p/ é uma consoante bilabial surda; se ela vozeia e nasaliza, ela se torna um [mb], que é uma consoante bilabial sonora. O mesmo acontece com as demais consoantes dos exemplos acima, menos para a consoante /h/ inicial. Curiosamente, quando um /h/ é nasalizado pela marca da 1ª pessoa, ele não se torna uma consoante homorgânica (que seria glotal ou velar), mas passa a ser realizado como uma pré-nasalizada coronal, ou seja, uma consoante articulada com a língua nos alvéolos, atrás dos dentes, ou entre essa região e o palato duro (céu da boca).

Vimos, anteriormente, que Bendor-Samuel identificou um fonema fricativo como /h/ e outro como /hy/. Sobre esse último ele escreveu: “*hy* é considerado uma verdadeira fricativa, uma vez que há fricção produzida com a passagem de ar pelo espaço entre a lâmina da língua e a área alveolar. E *h* funciona fonologicamente da mesma maneira que *hy* e *s* e *f*” (Bendor-Samuel, 1960, p. 349 - tradução minha).

A análise de Bendor-Samuel, associada ao quadro de exemplos acima, parece sugerir que, ao menos, /hy/ seja o fonema por trás da realização [¹ⁿdʒɛwɛ] “*meu pé*”, e /h/ o fonema por trás de [¹ⁿzaʔa] “*meu pai*”. Ou será que o fonema /h/ está mal representado nas análises?

Questões da FONOLOGIA TERENA que podem ser esclarecidas com mais dados

1. ACENTO

Dados como os que seguem, mostram o padrão de acento bem comum à língua Aruak, ou seja, um acento na penúltima sílaba; se a palavra recebe um sufixo, o acento “se desloca” para a direita, para manter-se sempre na penúltima:

- | | |
|--------------------------|------------------------------|
| a. [ˈta:ki] ‘braço’ | [taˈki:ti] ‘braço de alguém’ |
| b. [ˈtɔ:kɔ] ‘ombro dele’ | [tɔˈkɔ:ti] ‘ombro de alguém’ |
| c. [ˈɛ:ka] ‘bebida dele’ | [ɛkaˈmɛ:mɛ] ‘bebida da vovó’ |

Silva, 2009, p. 88, 128, 89

Exemplos como os acima, Silva (2009) classificou como “*acento em vogais alongadas*”, em oposição a exemplos como os abaixo, ditos “*acento em vogais breves*”:

- | | | |
|----------------------|----------------------|-------------------------|
| a. [ˈjaʔa] ‘seu pai’ | b. [ˈkaʃɛ] ‘sol’ | c. [ˈjɔti] ‘noite’ |
| d. [ˈkavaʔɔ] ‘galho’ | e. [iʔˈikɔti] ‘gago’ | f. [ˈvakaˈmɔtɔ] ‘couro’ |

Silva, 2009, p. 89

Ocorrem, porém, palavras anotadas como proparoxítonas, como os exemplos (d) e (e), acima, ou ainda:

- | | |
|--------------------------|---------------------------|
| g. [ˈamɔɾipɔɔ] ‘bisneto’ | h. [ˈkamɔkɛɔ] ‘ele ouviu’ |
|--------------------------|---------------------------|

Silva, 2009, p. 89

Mas não parecem justificadas, como exemplos de “*contraste*”, as supostas distinções registradas no conjunto abaixo; há grande chance de que sejam apenas traduções alternativas, eventualmente em contextos diferentes (Silva, 2009, p.90):

5.2.1 Contraste na posição do acento

- | | |
|---|---------------------------------|
| /koeˈpekoti/ ‘assassino’ | /koˈepekoti/ ‘mata, é perigoso’ |
| /ojeʔˈeko/ ‘quando ele cozinha’ | /ojˈeʔeko/ ‘ele cozinha’ |
| /unaˈtine/ ‘quando ele já aceitou, concordou’ | /ˈunatine/ ‘já esta bom’ |
| /ʃaˈnena/ ‘pessoal dele’ | /ˈʃanena/ ‘companhia dele’ |

FONOLOGIA DA LÍNGUA TERENA

Cosme Romero Martins

Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2009

Cosme Romero Martins também realizou estudo voltado à dissertação de Mestrado, com pesquisa de campo feita na Terra Indígena Cachoeirinha (mun. de Miranda, MS).

Seu trabalho é enriquecido por imagens de análise acústica (espectrogramas e oscilogramas) que ilustram bem alguns dos processos analisados.

Abaixo se reproduz o quadro de fonemas que sintetiza sua análise das consoantes. A caracterização de /v/ como uma fricativa é equivocada. Se fosse justificada como mudança observada em gerações mais jovens, com dados que o confirmassem, poderia ser o caso. No entanto, os dados presentes no trabalho (p.39) revelam que se trata mesmo de uma aproximante, ou seja, uma soante oral.

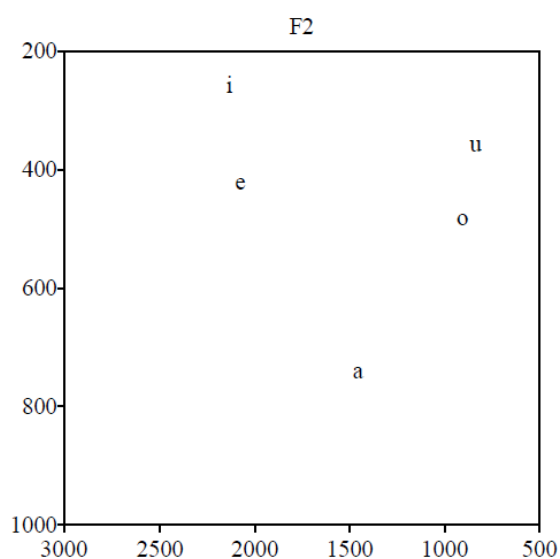
Fonemas consonantais

Modos de Articulação	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/		/t/		/k/	/ʔ/
Fricativa		/v/	/s/	/ʃ/		/h/
Nasal	/m/		/n/			
Lateral			/l/			
Tepe			/r/			
Aproximante				/j/		

Na página seguinte apresenta-se o quadro de vogais do Terena, segundo Martins (2009), anotando que, para ele:

- a nasalização vocálica basicamente está relacionada à expressão de 1ª pessoa do singular: *“as vogais nasais são alofones das vogais orais”* (p. 44). Porém, *“algumas poucas palavras”,* segundo ele, *“apresentam realização que não tem nenhuma relação com a concordância de primeira pessoa do singular”* (idem). Seus exemplos são as palavras para *“campo” mē:ũ,* e para *“carne” nâ:ũ,* as mesmas comentadas, anteriormente, a respeito do trabalho de Silva, 2009 (ver p. 17 do presente trabalho). Martins assume uma explicação de Bendor-Samuel (1961:74), que resume assim: *“a nasalização nesse caso sinaliza finalização de palavra, ou seja, exerce uma função demarcativa supra-segmental em fronteiras de constituintes prosódicos”*(Martins, 2009, p. 45).

- o Terena *“não apresenta vogais longas no nível subjacente. O alongamento vocálico aparece no nível de superfície como um dos correlatos acústicos do acento”* (p. 47).



Como pesquisadores anteriores, Martins conclui que há 5 fonemas vocálicos no Terena. Com base em algumas gravações de cada fonema, compôs o quadro ao lado, representando a realização fonética média de cada um (Martins, 2009, p.48).

No quadro abaixo, a interpretação fonológica das vogais Terena, segundo Martins (p. 49), empregando o recurso da Geometria de Traços, do modelo autosegmental (segundo Clements & Hume, 1995):

Representação das vogais em *Terena* quanto ao ponto de articulação e grau de abertura.

Vogais	/i/	/u/	/e/	/o/	/a/
labial	--	+	--	+	--
coronal	+	--	+	--	+
dorsal	--	+	--	+	-
[aberto 1]	--	--	--	--	+
[aberto 2]	--	--	+	+	+

Na análise de Martins (2009, p. 50ss), o padrão silábico da língua Terena, esquematicamente, é **(C) V (V)**, ou seja, admite apenas quatro tipos de sílabas: **V, VV, CV, CVV**.

Nessa análise, os glides [j] e [w], observados na margem final de sílaba, são interpretados como alofones assilábicos das vogais /i/ e /u/; por ex.*: **ai.na.po** (*obrigado*); **ku.veu** (*dentro*), **pou.ke** (*assento*) etc. Os demais encontros vocálicos são analisados como heterossilábicos, ou seja, cada vogal pertence a uma sílaba diferente, como por exemplo*: **e.no.me.a** (*talvez*), **i.su.ko.a.ti** (*ele bateu nele*).

* Exemplos do parágrafo acima tirados de Martins (2009, p. 51-54), onde constam em forma fonética. A transposição para ortografia é minha.

O autor entende que o acento não é previsível em Terena (*"Hipotetizamos que o acento da língua é livre, ou seja, já previamente definido no léxico"* -p. 62), para em seguida afirmar que o sistema acentual *"sinaliza estar também governado por fatores morfológicos"* e, ainda, que se pode *"classificar a língua Terena como uma língua que constrói pés binários de cabeça à esquerda e insensível ao peso silábico"* (idem, p.62). Obviamente isso significa que sua análise não foi em nada conclusiva.

Mas destaque-se um dado (também presente em outros autores) de uma palavra oxítone: **[ka.lo.vɔ.nóʔ]** *"criança"* (p.56). Martins sugere (parece concluir) que se trata de *"uma função demarcativa supra-segmental em fronteiras de frases ou de palavras"*, mas não investiga a hipótese de troqueus moraicais.

ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA TERENA

Gardenia Barbosa Neubauer Nascimento

Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2012

Gardenia Nascimento realizou um estudo mais amplo que os anteriores, envolvendo a Fonologia e a Morfologia do Terena. Aqui, pelo objeto dessa resenha, só referiremos aos aspectos fonológicos. Sua pesquisa foi realizada com estudantes Terena em Belo Horizonte (2007 e 2011) e em trabalho de campo nas aldeias de Moreira e Cachoeirinha (ambas no município de Miranda), nos anos de 2008 e 2009.

A análise fonêmica de Nascimento não diverge, em nada, da análise de Denise Silva (2009) para as consoantes. Portanto, o quadro de consoantes de Nascimento (2012, p. 40) é o mesmo de Silva (2009, p. 64), reproduzido na pg. 10 desta resenha.

Já com respeito às vogais, a análise de Nascimento diverge daquela de Silva (2009) pelo fato de não reconhecer estatuto fonológico para vogais longas. Desse modo, o quadro de fonemas vocálicos do Terena, por Gardenia Nascimento (2012, p. 45) é o que se reproduz aqui:

VOGAIS DO TERENA

	Anterior não- arredondada	Central	Posterior arredondada
Alta	i		u
Média -baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Na análise da sílaba, Nascimento segue a interpretação de Martins (2009 – ver pg. anterior), tomando como padrão silábico: **(C) V (V)**.

O estudo de Nascimento, como os anteriores, analisa a variação das vogais médias – ou seja: [e] ~ [ɛ], [o] ~ [ɔ] –, e os processos morfofonológicos relacionados com a expressão de 1ª e de 2ª pessoa singular em verbos, e respectiva posse em nomes.

CONCLUSÃO

Este trabalho pretendeu resenhar, no que têm de mais relevante, as análises da fonologia da língua Terena (Aruak). Ele foi elaborado como subsídio pós-encontro do **1º Seminário Nacional em Língua e Cultura Terena** (ver abaixo).

Por diversas razões não foram resenhados, aqui, dois recentes e importantes trabalhos que trazem luz sobre a fonologia da língua, ambos de autoria de Fernando Órphão de Carvalho (ainda que a perspectiva de suas análises seja histórico-comparativa). Eles constam, de todo modo, nas referências bibliográficas da página seguinte, para quem estiver interessado (ver: Carvalho 2016; Carvalho 2017), e serão objeto de resenha em uma versão futura e completa da presente obra.

Em outro momento este trabalho deverá ser completado com nossa própria análise do sistema fonológico da língua.

Wilmar R. D'Angelis
UNICAMP
Agosto 2018

**I Seminário Nacional em Língua e Cultura Terena:
nossa língua, espaço de resistência.**

Ho'uxínovoti Kixoku Itúkeovo Têrenoe: ukínoaku xunáko

Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)
UNICAMP, 22-24 de agosto de 2018

InDIOMAS – Conhecimento de línguas indígenas e de línguas de sinais na
relação Universidade & Sociedade.

KAMURI - Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação

Campinas, SP, 2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENDOR-SAMUEL, John T. Some problems of segmentation in the phonological analysis of Tereno. *Word* 16, p. 348-355. New York, 1960.
- BUTLER, Nancy. *Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena*. Trad. Mary L. Daniel. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978. (revisado em 2007).
- BUTLER, Nancy E.; EKDAHL, Elizabeth M. *Aprenda Terena*. Vols. 1 e 2. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1979 (revisado em 2007).
- CARVALHO, Fernando Órphão de. Terena, Guaná, Chané and Kinikinau are one and the same language: setting the record straight on Southern Arawak linguistic diversity. *LIAMES – Línguas Indígenas Ameríndias*, vol. 16, n. 1, p. 39-57. Campinas: Departamento de Linguística /IEL-UNICAMP, 2016.
- CARVALHO, Fernando Órphão de. Philological evidence for phonemic affricates and diachronic debuccalization in Early Terena (Arawak). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, vol. 12, n. 1, p. 157-171. Belém, 2017.
- EATLACK, Charles L. Terena (Arawakan) pronouns. *International Journal of American Linguistics*, vol. XXXIV, n. 1, p. 1-8. Chicago: University of Chicago Press, 1968.
- HARDEN, Margaret. Syllable structure of Terena. *International Journal of American Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 60-63. Abril 1946.
- MARTINS, Cosme Romero. *Fonologia da língua Terena*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2009.
- NASCIMENTO, Gardenia Barbosa Neubaner. *Aspectos gramaticais da língua Terena*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2012.
- ROSA, Andréa Marques. *Aspectos morfológicos do Terena (Aruák)*. Dissertação de Mestrado. Três Lagoas, MS: UFMS, 2010.
- SILVA, Denise. *Descrição fonológica da língua Terena (Aruak)*. Dissertação de Mestrado. Três Lagoas, MS: UFMS, 2009.
- SILVA, Denise. *Estudo lexicográfico da língua Terena. Proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português*. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 2013.

CADASTRO DE PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DE JOGOS ELETRÔNICOS EM LÍNGUA INDÍGENA

**Informações básicas sobre o projeto em andamento
2018 – 2019 e 2020 suspenso por causa da pandemia COVID-19.**

NOME DO PROJETO: Desenvolvimento de Jogos Eletrônicos em Língua Indígena (Game Nhandewa).
POVO(S) ENVOLVIDO(S): Guarani Nhandewa ou Tupi-guarani.
QUAIS AS COORDENAÇÕES REGIONAIS E COORDENAÇÕES TÉCNICAS LOCAIS ENVOLVIDAS? Coordenação Regional Litoral Sudeste - CR-LISE.
INSTITUIÇÕES PARCEIRAS (Universidades, ONGs, Associações Indígenas, etc): O Projeto está sendo desenvolvido em parceria com a ONG KAMURI: Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação (www.kamuri.org.br), e com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) através do Grupo de Pesquisa INDIOMAS: Conhecimento de Línguas Indígenas e de Línguas de Sinais na relação Universidade & Sociedade, cadastrado no CNPq (http://indiommas.iel.unicamp.br/). Conta-se com o apoio da Diretoria de Ensino de São Vicente para a dispensa dos professores em dias de oficina de trabalho na produção do game.
QUANDO FOI INICIADO E O QUE JÁ FOI FEITO (Etapas, oficinas, etc): O projeto teve início em setembro de 2018, quando, na 4ª Oficina do Site Nhandewa/Tupi-Guarani Litoral abriu-se um espaço para pensar a programação de um jogo eletrônico em língua Nhandewa, demanda que tinha sido apresentada em Oficina anterior pelos próprios professores indígenas. Nessa Oficina, ocorreram as seguintes atividades: 03/09/2018 - apresentação dos elementos que compõem o Design de jogos eletrônicos, seguida de roda de conversa sobre as expectativas e ideias dos professores indígenas para o desenvolvimento de jogos eletrônicos. Atividade em grupo para levantamento de elementos que irão compor o jogo (tipos de jogo, tarefas contidas no jogo, elementos visuais, narrativos e conceituais). 04/09/2018 - atividade em grupo para a prototipagem efetiva do jogo. Convergência das ideias em um primeiro jogo eletrônico. Desenho de cenas e personagens. Gravação em áudio de palavras Nhandewa para uso no jogo.

05/09/2018 - atividade em grupo para a discussão da estrutura do jogo (fases, cenários, mapa, personagens). Gravação em áudio de palavras Nhandewa para uso no jogo.

06/09/2018 - distribuição de tarefas para dar continuidade à elaboração do jogo.

Após essa Oficina, houve dois encontros na UNICAMP entre a equipe de desenvolvedores, com o objetivo de realizar o levantamento de requisitos de forma mais técnica. Além disso, a identidade visual do jogo começou a ser desenvolvida a partir dos conceitos discutidos na aldeia e foi selecionada a *game engine*^[1] que será utilizada no desenvolvimento do software. Desses encontros resultou também o primeiro desenho possível da/o personagem principal, algumas prototipagens de software e parte da documentação padrão na indústria de jogos (*one sheet paper, ten-pager*). Estamos no processo de confecção do documento final, o *Game Design Document* (GDD), que esboça todos os elementos que estarão no jogo (história, personagens, arte, mecânicas, entre outros) e serve de referência durante todo o desenvolvimento.

[1] ambiente de desenvolvimento de jogos que provê de maneira fácil as funcionalidades básicas necessárias para se programar um jogo, como renderização gráfica, simulação física, controle de som, entre outros.

QUAL A PREVISÃO DE CONCLUSÃO E O QUE AINDA HÁ A SER FEITO?

O planejamento do projeto prevê sua finalização dentro de um ano, terminando em dezembro de 2019. Em linhas gerais, as próximas etapas de desenvolvimento são as seguintes:

- finalização do *Game Design Document* (GDD), com base nas discussões da 4ª Oficina do Site Nhandewa/Tupi-Guarani Litoral.
- **março/2019 (3 dias):** 1ª Oficina de Desenvolvimento do Game Nhandewa, com a proposta de apresentação e discussão do GDD e feedback da comunidade.
- desenvolvimento de protótipos funcionais do jogo para serem testados em julho.
- **julho/2019 (3 dias):** 2ª Oficina de Desenvolvimento do Game Nhandewa, onde faremos a coleta final de material (gravações em áudio em língua Nhandewa - palavras, narrativas, elementos culturais que a comunidade deseja que figurem no jogo). Primeiros testes, tanto com os professores indígenas quanto com as crianças, que são efetivamente o público-alvo.
- desenvolvimento do jogo até sua versão beta^[1].
- **novembro/2019 (3 dias):** 3ª Oficina de Desenvolvimento do Game Nhandewa, com entrega da versão beta do jogo, para testagem e determinação dos ajustes finais. Série de testes com as crianças nhandewa.

- **dezembro/2019:** entrega de uma versão preliminar. **Pelo fato da pandemia o projeto foi suspenso temporariamente em 2020.**

Como indicado acima, planejamos realizar três oficinas cada uma com dias de atividades, necessitando de diárias de hospedagem e transporte de Campinas(SP) para Itanhaém para 4 pessoas.

[1] versão em estágio ainda de desenvolvimento, mas que é considerada aceitável para ser lançada para o público, mesmo que ainda possua problemas que precisarão ser reparados pelos desenvolvedores.

QUANTAS PESSOAS DA COMUNIDADE ESTÃO ENVOLVIDAS NO PROJETO? HÁ AINDA FALANTES DA LÍNGUA INDÍGENA NA MESMA?

As aldeias envolvidas no projeto são as aldeias da T.I. Piaçaguera, principalmente Piaçaguera e Nhamandu-Mirim, além de Tabaçu, T.I. Bananal, Itaoca Tupi e Renascer.

Participaram da Oficina que aconteceu em 2018 cerca de 10 indígenas, em sua maioria professores, sendo que três deles desenvolveram sua competência na língua Nhandewa durante o Projeto de Revitalização Linguística e são falantes e pesquisadores da língua.

Além desse público, pretendemos contar com a presença das crianças, nosso público-alvo, ao longo de determinados dias das oficinas.

O PROJETO CONTA COM LINGUISTA(S) COLABORADOR(ES)? O(S) LINGUISTA(S) É(SÃO) VINCULADO(S) A ALGUM PROGRAMA DE PESQUISA E/OU UNIVERSIDADE? SE SIM, INFORME: NOME DO LINGUISTA, QUAL É A UNIVERSIDADE E/OU O PROGRAMA DE PESQUISA?

O Projeto conta com a participação de duas linguistas, ligadas ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP através do Grupo de Pesquisas InDIOMAS, coordenado pelo Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis. Conta também com um desenvolvedor de software e uma artista visual. Segue a equipe do projeto e a formação de cada um:

1. Beatriz Toledo – Mestranda em Linguística no IEL/UNICAMP e membro da KAMURI.
2. Clarice Dellape – Artes Visuais – Instituto de Artes (IA)/UNICAMP.
3. Dener Stassun Christinele – Engenharia da Computação – Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC)/UNICAMP
4. Mariana Gonzaga Marques de Freitas – linguista pelo IEL/UNICAMP e graduanda em Letras no mesmo instituto; membro da KAMURI.

RESULTADOS ALCANÇADOS ATÉ O PRESENTE MOMENTO (Citar produção e/ou publicação de livros e outros materiais didáticos, se houver)

Elaboração parcial da documentação padrão na indústria de jogos, a saber *one sheet paper* (anexo) e *ten-pager*. Estamos atualmente em processo de elaboração do documento final, o *Game Design Document* (GDD).

A elaboração dessa documentação contribui substancialmente para o desenvolvimento do projeto, especialmente em dois sentidos:

1. apresentar de forma clara e objetiva o jogo em desenvolvimento: sua identidade visual, sua mecânica, sua história e todos os outros elementos que compõem um jogo eletrônico, de forma a comunicar de maneira eficaz a pessoas externas ao grupo de desenvolvimento a composição do jogo. Essa etapa é fundamental especialmente por possibilitar um diálogo mais fluido entre os professores indígenas e a equipe de desenvolvimento, de forma que ambas as partes compreendam melhor as necessidades de cada uma.
2. Estruturação do jogo para a própria equipe, de maneira a servir como um guia na implementação do jogo. Sua constante consulta garante que as necessidades da comunidade sejam levadas em conta ao longo de todo o desenvolvimento.

OUTRAS INFORMAÇÕES CONSIDERADAS RELEVANTES (Opcional)

Atualmente, o mundo digital constitui um espaço de escrita, interação e comunicação e, portanto, um espaço em que a língua indígena pode e deve estar presente. Ao criar um jogo eletrônico - mídia em destaque, principalmente entre os jovens - em língua Nhandewa, buscamos fortalecer os laços dos usuários da tecnologia com a língua materna de sua comunidade.

O projeto alinha-se com a reflexão teórica desenvolvida pelo linguista Wilmar D'Angelis a respeito das formas de fortalecimento de línguas minoritárias, ampliando os espaços sociais relevantes de uso e visibilidade dessas línguas, especialmente como forma de empoderar a representação delas ante as gerações mais jovens das respectivas comunidades.

OUTRAS INFORMAÇÕES CONSIDERADAS RELEVANTES/Observações/sugestões (Opcional)

Em 14 de fevereiro de 2019.

Coordenação Regional:

Técnico/servidor responsável que acompanha o projeto:

Fundação Nacional do Índio – FUNAI

Diretoria de Promoção ao Desenvolvimento Sustentável - DPDS

ANEXO I

Projeto de Jogo Digital na Língua Nhandewa - Visão Geral (One Sheet Paper)

Plataforma: Android, PC

Público Alvo: Crianças, principalmente Nhandewa, na faixa dos 5 a 12 anos.

Resumo: o personagem, uma criança indígena sem nome, parte da horta de sua comunidade local numa aventura através das terras de seu povo. Durante sua jornada, se depara com diversos desafios que lhe ensinam sobre sua cultura e língua materna.



Mecânica: o personagem navega um mapa visto de cima, onde cada parada representa um mini-jogo. Os mini-jogos buscarão trazer à tona diferentes aspectos da cultura e língua Nhandewa. Ao completar um mini-jogo com êxito, o personagem poderá avançar para o próximo e assim sucessivamente até concluir sua aventura.

A conclusão de um mini-jogo também permite acesso a uma versão de maior dificuldade porém opcional do mesmo.

Todo conhecimento obtido durante os mini-jogos já jogados pode ser acessado com maiores detalhes posteriormente pelo jogador, de forma que, ao fim, se tem uma espécie de “enciclopédia” com tudo o que foi aprendido.

